

MANIFESTAÇÕES PRÉ-ROMÂNTICAS

META

Apresentar as manifestações pré-românticas, o surgimento de uma nova estética, a transição dos fenômenos sócio-históricos e culturais existentes, o dinamismo das mudanças sociais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

expandir seus conhecimentos acerca das transformações que ocorreram no meio artístico da Europa e de Portugal, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, afastando-se dos cânones neoclássicos e anunciando já a estética romântica;

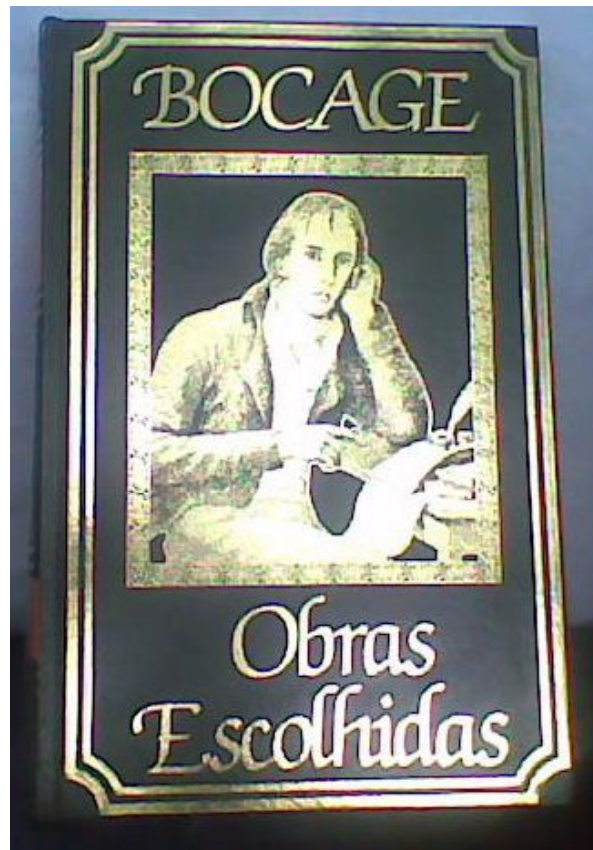
alargar seus horizontes culturais através do conhecimento de produções literárias dos pré-românticos;

compreender as características e traços peculiares dos autores da época em estudo;

desenvolver as capacidades de leitura e análise do texto literário.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 2, sobre o Arcadismo português.



Capa de um livro com as principais obras, desse que é considerado o principal artista do movimento pré-romântico (Fonte: <http://images01.olx.pt>)

INTRODUÇÃO



A Liberdade Guiando o Povo, Delacroix, 1830 (fontes: [www. http://www.uniblog.com.br](http://www.uniblog.com.br))

O quadro de Delacroix nos remete às aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução Francesa e consolidação da República em 1797.

Autor: Manuel Maria L'Hedoux Barbosa Du Bocage

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem te faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia.
Oh! Venha... Oh! Venha e trêmulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória e tudo,
Mãe do gênio e prazer, oh Liberdade.

Caro aluno, no soneto acima, uma das formas preferidas por Bocage, percebemos a presença do ideário iluminista, que respalda a busca da liberdade e das conquistas burguesas. Utilizando a função apelativa da linguagem, o autor personifica a Liberdade (uso de maiúscula), a ela se dirigindo em segunda pessoa do singular (tu), num tom de exaltação e irreverência, inquirindo-a sobre a indiferença dela ante os seus clamores: “Porque (triste de mim!), porque não raia / Já na esfera de Lísia a tua aurora?” Apela ele para a necessidade de sua presença em um mundo que precisa de clemência, de redenção.

Invoca, então, a Liberdade, através de formas verbais do imperativo e do vocativo, com uma expressividade tal que sintetiza a dramática e despótica situação humana que não mais se podia tolerar, adversa aos princípios já consagrados pelas idéias iluministas: “Oh! Venha... Oh! Venha e trêmulo descaia / Despotismo feroz, que nos devora! Num gesto de desespero, apela Bocage à comiseração da Liberdade, aclamando-a como luz, glória, “Mãe do gênio e prazer”.

Creio que você já percebeu que o poema em análise se diferencia dos primeiros poemas arcades por alguns motivos. Vejamos: embora use uma linguagem simples, de fácil entendimento, os motivos não são pastoris, não há o fingimento poético, nem tem como tema um amor convencional. Percebe-se nele um descontentamento do poeta com o “despotismo feroz” que submete os homens, consumindo-os, tirando-lhes o livre arbítrio, acovardando-se. Há também o sentido de revolução, de luta por algo maior: um desejo transcendental de claridade, de lucidez, que trouxesse aos homens, de volta, a tão sonhada “Liberdade”.

A CRISE DAS ARCÁDIAS E AS TENDÊNCIAS PRÉ-ROMÂNTICAS

Observa-se, no soneto de Bocage, certa rebeldia em relação às convenções clássicas, certa transgressão às normas, numa fase nítida de transição para o Romantismo. É sobre o esgotamento dos modelos neoclássicos, a crise das Arcádias e o surgimento de novas preferências e formas estético-literárias que discutiremos nesta aula.

Conforme Massaud Moisés (1999), a vida das Arcádias em Portugal foi efêmera. Além das duas já citadas, a Arcádia Lusitana e a Nova Arcádia, outras foram organizadas, a exemplo da Arcádia Portuense, a Arcádia Coni-brense e os Arcades de Guimarães, mas não tiveram maior relevância. Os

motivos foram diversos: alguns poetas não se adaptaram aos seus rígidos princípios, chegando, até mesmo, a renegá-las (o caso de Bocage), outros instituíram corporações semelhantes com o fito de combatê-las (o caso de Filinto Elísio que liderou o grupo da Ribeira da Naus) e outros optaram por criar uma obra autônoma, sendo por isso chamados de “dissidentes ou independentes”.

Não raros exaltados, polêmicos, abalados por uma tensão indicativa dum espírito novo, rebelde e insatisfeito, neles encontramos o melhor que a poesia do tempo produziu, ou pelo exemplo camoniano que vários respeitam e seguem, ou porque revelam contradições prenunciadoras do Romantismo. Tais antinomias, justificáveis pelo tom pessoal, emocional e confessional que atribuem aos poemas permitem rotulá-los de pré-românticos, especialmente a José Anastácio da Cunha, a Marquesa de Alorna e, com mais realce ainda, a Bocage (MASSAUD MOISÉS, 1999, p.101).

Conforme Massaud Moisés (1999), a vida das Arcádias em Portugal foi efêmera. Além das duas já citadas, a Arcádia Lusitana e a Nova Arcádia, outras foram organizadas, a exemplo da Arcádia Portuense, a Arcádia Coni-brense e os Árcades de Guimarães, mas não tiveram maior relevância. Os motivos foram diversos: alguns poetas não se adaptaram aos seus rígidos princípios, chegando, até mesmo, a renegá-las (o caso de Bocage), outros instituíram corporações semelhantes com o fito de combatê-las (o caso de Filinto Elísio que liderou o grupo da Ribeira da Naus) e outros optaram por criar uma obra autônoma, sendo por isso chamados de “dissidentes ou independentes”.

Não raros exaltados, polêmicos, abalados por uma tensão indicativa dum espírito novo, rebelde e insatisfeito, neles encontramos o melhor que a poesia do tempo produziu, ou pelo exemplo camoniano que vários respeitam e seguem, ou porque revelam contradições prenunciadoras do Romantismo. Tais antinomias, justificáveis pelo tom pessoal, emocional e confessional que atribuem aos poemas permitem rotulá-los de pré-românticos, especialmente a José Anastácio da Cunha, a Marquesa de Alorna e, com mais realce ainda, a Bocage (MASSAUD MOISÉS, 1999, p.101).

A Nova Arcádia, fundada em Lisboa em 1790, pelo brasileiro Domingos Caldas Barbosa (Lereno), como as demais durou pouco, apenas quatro anos, tendo concorrido para isso o próprio Bocage, em conflito ideológico com um de seus membros. De espírito inquieto e irreverente, Bocage pouco se identificou com o período áureo do Arcadismo, ao contrário, ele surge na fase de esgotamento das Arcádias e muito colabora para sua dissolução, uma vez que sua produção poética se despe da rigidez e das convenções típicas da aristocracia, voltando-se mais para uma pequena burguesia urbana. Verifica-se, também, o resgate de preferências de épocas anteriores. Para Saraiva e Lopes (1976, p. 693):

O Romantismo, com efeito, abre entre nós caminho através de numerosas traduções e adaptações das obras que na Europa reabilitaram o conceito, anteriormente pejorativo, de gótico, e consagraram o gosto da fantasia cavaleiresca e sobrenatural, da melancolia funérea ou contemplativa, das narrativas bíblicas, orientais ou célticas. O salão da marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida, e os artigos de Vicente Nolasco da Cunha, que foi um dos diretores do Investigador Português, salientam-se entre essas influências estilísticas de transição. Bocage, no entanto, é a personalidade mais representativa de uma crise que, mais do que o gosto e o estilo, atinge o próprio teor de vida literária, e os preconceitos arcádicos e iluministas.

Um novo caminho se delineia, mais ao gosto burguês, caminho que abarca as tendências estéticas e as manifestações de sensibilidade que, sobretudo na segunda metade do século XVIII, se afastam dos cânones neoclássicos, anunciando já o Romantismo. A tais manifestações chamaremos de Pré-Romantismo.

Uma particularidade essencial da literatura pré-romântica consiste na valorização do sentimento. O coração passa a prevalecer sobre a racionalidade neoclássica e iluminista, transformando-se em manancial dos valores humanos. Segundo Manuel Vítor de Aguiar e Silva, “A vida moral passa desse modo a ser regida pelo sentimento, sobrepondo-se os direitos do coração às exigências da lei, das convenções e dos preconceitos sociais, em suma, às exigências das normas jurídicas ou éticas impostas do exterior”.

Apresentaremos, a seguir, algumas peculiaridades desse movimento que se manifestam nas obras de alguns poetas que, embora já citados anteriormente, merecem um estudo mais acurado. São eles: a Marquesa de Alorna, Nicolau Tolentino e Bocage.

MARQUESA DE ALORNA (1750-1839)

Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna, adotou o pseudônimo arcádico de Alcipe (filha do Deus Ares na mitologia grega). Teve vida atribulada, sendo desde cedo educada no Convento de Chelas, enquanto o pai cumpria pena de prisão por motivos políticos, recebendo, então, uma sólida formação literária.

Sempre cultivou amizade com pessoas cultas, notadamente após seu casamento com um nobre germânico, quando passou temporadas em Viena, Londres, entre outros lugares, o que reforçou suas idéias filosóficas e progressistas e o gosto pela poesia sentimentalista ou descritiva. De acordo com Massaud Moisés (1999, p.103), Marquesa de Alorna se tornou “relevante pela vida que levou e pela atividade sócio-literária que exerceu, sua obra poética tem sido colocada em segundo plano”



Marquesa de Alorna (fontes: <http://www.arqnet.pt>)

Com o falecimento do irmão primogênito, herdou o título de marquesa e sempre manteve os salões abertos para literatos famosos, de diversas gerações, quer fossem árcades ou românticos, a exemplo de Alexandre Herculano. Isto a tornou uma figura quase única na Literatura Portuguesa.

A obra da Marquesa de Alorna é muito diversificada, apresentando tendências que oscilam entre o culto do clássico e do romântico, embora o lado clássico predomine. O lado romântico se deve, em parte, à vida atribulada que teve, sobretudo, ainda na infância quando experimentou a reclusão no convento, e, também, às influências alemã e inglesa, bebidas nos próprios meios de origem, conforme o diz Massaud Moisés (1999, p.103).

Apresenta, contudo, uma vasta obra poética, publicada em 1844, condensada no pensamento poético do final do século XVIII e início do século XIX. Oscar e Lopes (1976, p.713), assim se referem à autora:

No entanto, além daquilo que provavelmente tem mais importância histórico-literária, - a sua ação direta e pessoal-, e das versões pré-românticas, convém lembrar a tentativa da poesia científica (Recreações Botânicas), e um certo número de composições funebremente sentimentais ou insinuantemente melancólicas.



ATIVIDADES

1. Tomando por base o que você leu sobre a produção poética da Marquesa de Alorna, procurem analisar o texto abaixo, mostrando as características pré-românticas que nele se ressaltam.

Sonhos

Sonhos meus, suaves sonhos,
Sois melhores que a verdade,
Quando sonho, sou ditosa,
Sem o ser na realidade.

Amor, tu vens nos meus sonhos
Acalmar-me o coração;
Mas cruel! Quanto prometes
Não passa de uma ilusão!

Sonhei, tirano, esta noite,
Sonhei que tu me chamavas,
E que sobre a relva branda
Tu mesma me acalentavas.

Disseste-me : “Dorme Alcipe,
Depõe todos teus cuidados;
Amor sobre ti vigia,
Mal podes temer os fados.”

Dormi : neste dobre sono
Me achei num palácio de ouro;
Entregaram-me uma chave;
Para que abrisse um tesouro.

- “Chave mágica, sublime,
Que me vais tu descobrir?
Se é menos do que desejo,
Será melhor não abrir...”

- “Abre, Alcipe” – qual trovão
Brada o Deus que me vigia.
Acordei sobressaltada
E abriu-se, mas foi o dia.

2. Podemos dizer que o texto da Marquesa de Alorna é tipicamente pré-romântico? Justifique sua resposta.
3. O poema *Sonho* apresenta alguma semelhança com os poemas do Arcadismo? Se apresenta, qual é?

BOCAGE

Caros alunos, Creio que você já percebeu o temperamento irreverente e insubordinado de Bocage, através dos tumultos e conflitos que manteve nas Arcádias. Embora de gênio difícil, podemos considerá-lo um dos melhores poetas do século XVIII, sendo apontado por Massaud Moisés como “êmulo de Camões na vida e na obra”, desde que também passou por muitos reveses drásticos e dramáticos. E não é para menos, muitos fatos de suas vidas foram semelhantes ou parecidos.

Nasceu em Setúbal, em 15 de setembro de 1765 e, como Camões, teve uma vida de muita agitação, com passagens dramáticas. Apaixona-se por Gertrudes quando ainda bastante jovem, mas alista-se na Marinha de Guerra e aventura-se em viagem para Goa, fazendo escala no Rio, onde se destempera em



Manuel Maria de Barbosa Du Bocage (fontes: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>)

festins e amores fáceis, depois vive em colônias portuguesas do oriente, praticamente fazendo quase o mesmo percurso de Camões no exílio.

Ao voltar à Lisboa, fica sabendo que Gertrudes havia casado com seu irmão, entregando-se, então, a uma vida de devassidão. Torna-se um poeta popular, boêmio, satírico e erótico, justamente “pela transgressão da norma e não por sua aceitação obediente”. É o que nos diz Azevedo Filho:

Notável improvisador, freqüentava logradouros públicos, como o famoso Nicola ou o não menos célebre Botequim as Parras, onde o seu pensamento irreverente e liberal se traduzia em versos aplaudidos e repetidos pelo povo. Chegou mesmo a ser preso, em 1797, após a divulgação da epístola à Marília e de um soneto dedicado à Napoleão, pois em tais poemas foram vistas idéias anti-religiosas, revolucionárias ou subversivas da ordem pública (Azevedo Filho (1987, p. 70).

Ainda que, após a prisão, tenha aparecido um Bocage mais sensato, plenamente conciliado com os princípios religiosos e com os companheiros da nova Arcádia, a imagem que prevalece até hoje é a do poeta irreverente, picante e, até mesmo, indecoroso. Por isso não podemos incluir sua obra literária, de forma rígida no Arcadismo ou Neoclassicismo, muito embora ela apresente algumas características daquela época. Revelava-se clássico pela habilidade com que dominava a técnica do verso, mas ia além das convenções literárias da época, desconstruindo modelos estáticos e classicizantes, motivo por que se antecipa ao Romantismo, como autor de transição entre duas épocas totalmente distintas. O que mais importa nele é o espírito transgressor.

Não resta dúvida que o clima do Arcadismo teve reflexos na poesia de Bocage, naturalmente teve influências do estilo dominante em sua época e teve que fazer concessões de ordem política, ideológica, religiosa e social para sobreviver. Segundo Azevedo Filho, “Nele, a luta entre a razão e a emoção era uma constante angustiada. O elemento acional da estética iluminista entrava em doloroso conflito com o mundo interior ou subjetivo, onde a emoção ocupava todos os espaços”.

Para Massaud Moisés, embora tenha permanecido, na memória popular, gravada as idéias de um Bocage obscuro e grosseiro existem dois Bocages:

[...] o que o vulgo fixou através de anedotas, verdadeiras umas e falsas outras, mas todas raiando na obscenidade grosseira, e o que a tradição literária nos legou. Este é o que importa, pois o primeiro segue trajetória secundária e infensa a qualquer configuração, visto o povo atribuir-lhe todos os ditos picantes que, não tendo paternidade conhecida, devem forçosamente pertencer a alguém.

[...] Sem levar em conta a poesia pornográfica, (em que foi mestre), o segundo Bocage escreveu vasta obra poética, fracionada em dois

setores fundamentais: o satírico e o lírico. Quanto ao primeiro, Bocage alcançou ser estrela de primeira grandeza, ao lado de Gregório de Matos, graças ao temperamento agressivo, impulsivo, cortante, amparado no dom da improvisação feliz e certa. [...] Todavia é na poesia lírica que o talento bocageano se realizou de forma particular. Cultivou a lírica elegíaca, a bucólica e a amorosa, exprimindo-as em idílios, odes, epigramas, cantatas, elegias, Canções, epístolas, cançonetas, sonetos, etc. (MASSAUD MOISÈS, 1999, p. 104, 105.)

Bocage se destacou, em especial, pelo talento como sonetista, a ponto de ser comparado a Camões e a Antero de Quental, formando com eles uma tríade incomparável. Empresta a sua poesia uma elocução fluente e livre, semelhante à fala diária, em que a emoção não impede de organizar seus versos com uma lógica interna, com um lirismo forte e incomum, renunciando já o Romantismo.

Sua obra é extensa e variada, além de singular: eivada pela subjetividade, pelo tom de confissão, pela confiança de seus sentimentos, de seu mundo interior, no entanto não ignora as grandes questões que marcaram o momento em que viveu.

Agora vamos conhecer e comentar algumas de suas obras:

TEXTO 1

Aos sócios da Nova Arcádia

Vós, ó Francas, Semedos, Quintanilhas,
Macedos e outras pestes condenadas;
Vós, de cujas buzinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas;

Vós, néscios que mamais das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insossa gargalhadas,
Por versos maus, por trovas aleijadas,
De que engenhais as vossas maravilhas:

Deixai Elmano, que inocente e honrado
Nunca de vós se lembra meditando
Em coisas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
Ei-lo! Vede-o no Pindo recostado,
De perna erguida sobre vós mijando.

Observem o caráter jocoso e burlesco do poema acima, que tem como alvo os parceiros da “Nova Arcádia”. Usando uma linguagem bastante prosaica, diria mesmo vulgar, recheada de expressões e adjetivação de baixa categoria (“pestes condenadas”, “néscios que mamais das vis quadrilhas”, “baixo vulgo”), Bocage critica o comportamento que julga nada apreciável dos associados da agremiação literária, recomendando-lhes esquecer Elmano (seu pseudônimo árcade), que se volta para preocupações mais sérias, mais elevadas. Por último, numa atitude de repulsa e de superioridade, lança-lhes um ar de deboche, ao sugerir que o vejam numa atitude pouco recomendável: urinando sobre eles.

TEXTO 2

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n’alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros e sombra esclarecendo,
E vás nele (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objetos de horror co’a idéia eu corro,
Solto gemidos, lágrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu socorro?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.

Observa-se, neste poema de Bocage, que a emoção sobrepuja a razão iluminista. Nenhum poeta árcade escreveria os versos: “Me estão negras paixões n’alma fervendo/ Como fervem no pego as crespas vagas”. Além das fortes imagens que utiliza (negras paixões, n’alma fervendo), suas palavras manifestam a intensidade de seus sentimentos, sua profunda ânsia que revela a batalha interior entre razão e sentimento que nele se trava.

Sua atitude poética é anti-iluminista, pois, mesmo travando um tenso diálogo com a razão, não cede a seus caprichos, tornando-se surdo aos seus reclamos e cego aos males que tanto o afligem em decorrência de rejeitar seus clamores. Esse embate com a razão provoca-lhe uma divisão interna, a busca angustiada de sua verdade subjetiva em um mundo dominado pela crise de valores, dando início, assim, ao complexo processo emocional do homem romântico.

TEXTO 3

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa!... Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse, pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

Neste texto, observa-se, além de um tom eminentemente confessional, a procura por uma reconciliação com valores que lhe foram incutidos durante a vida e, na maioria das vezes, rejeitados. Ao sair da prisão, abandona Bocage a vida boêmia e busca harmonizar-se com a sociedade. O caráter de confissão presente neste e em alguns outros poemas já nos sugere uma manifestação pré-romântica.

Ao tentar redimir-se, Bocage reconhece sua loucura, sua insensatez, o ultraje aos céus que lhe causam martírio, tormento, um profundo sentimento, gerando o gosto pelo noturno, por formas da escuridão (a cova escura, a noite) e, antecipando o ultra-romantismo, busca a morte como solução para seus problemas.

CONCLUSÃO

Na segunda metade do século XVIII, sente-se já o prenúncio de uma nova estética, mais ao gosto burguês, que compreende as disposições e as manifestações de sensibilidade que, aos poucos, afastam-se dos cânones neoclássicos e apregoam as idéias românticas. Tais tendências foram denominadas de Pré-Romantismo.

O Pré-Romantismo é uma tendência de transição, por isso os valores encontram-se ainda instáveis, ora voltando-se aos ideais clássicos, ora apontando para novos anseios. Uma peculiaridade das obras que se dizem pré-românticas é a valorização do sentimento. A emoção passa a preponderar sobre a racionalidade tão propagada no iluminismo, tornando-se fonte dos valores humanos.



RESUMO

Nesta aula, teve-se a preocupação de situar o movimento de transição entre dois importantes períodos literários, o Arcadismo e o Romantismo, que recebeu por alguns o nome de Pré-Romantismo. Neste movimento, instala-se um conflito entre dois pólos, Razão e Emoção, que entram em embate crucial, ora prevalecendo um, ora outro. Os movimentos estéticos não deixam de, através dos poetas e escritores, refletir os valores humanos vigentes em determinada época, preponderantes ou corroídos, mas que mostram o que, no íntimo, somos: seres essencialmente humanos.

As tendências pré-românticas, em Portugal, manifestam-se, sobretudo, a partir da segunda metade do século XVIII. Dentre os autores que mais se sobressaíram como pré-românticos destacam-se a Marquesa de Alorna e Manoel Maria Barbosa du Bocage.



ATIVIDADES

1. Bocage foi excelente sonetista, a ponto de ser comparado a Camões e a Antero de Quental. Procure pesquisar outros sonetos do autor, observando quais as tendências que neles predominam, se neoclássicas ou pré-românticas.
2. Procure observar também o aspecto formal dos poemas, se eles seguem rigidamente os princípios clássicos ou se divergem, transgridem, apresentando já inovações.
3. Leia e analise os poemas de Bocage que se seguem, tentando dizer a qual tendência eles se filiam e quais são suas peculiaridades, tanto em nível de conteúdo quanto de forma.

SONETO 1

Esperança amorosa

Grato silêncio, trémulo arvoredo,
Sombra propícia aos crimes e aos amores,
Hoje serei feliz! --- Longe, temores,
Longe, fantasmas, ilusões do medo.

Sabei, amigos Zéfiros, que cedo
Entre os braços de Nise, entre estas flores,
Furtivas glórias, tácitos favores,
Hei-de enfim possuir: porém segredo!

Nas asas frouxos ais, brandos queixumes
 Não leveis, não façais isto patente,
 Quem nem quero que o saiba o pai dos numes:

Cale-se o caso a Jove onnipotente,
 Porque, se ele o souber, terá ciúmes,
 Vibrará contra mim seu raio ardente.

SONETO 2

Oh retrato da Morte, oh Noite amiga,
 Por cuja escuridão suspiro há tanto!
 Calada testemunha de meu pranto,
 De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor que a ti somente os diga,
 Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
 Ouve-os, como costumás, ouve, enquanto
 Dorme a cruel, que a delirar me obriga.

E vós, oh cortesãos da escuridade,
 Fantasmas vagos, mochos piadores,
 Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
 Quero a vossa medonha sociedade,
 Quero fartar meu coração de horrores.

SONETO 3

Olha, Marília, as flautas dos pastores,
 Que bom que soam, como estão cadentes!
 Olha o Tejo a sorrir-te! Olha não sentes
 Os Zéfiro brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se os Amores
 Incitam nossos ósculos ardentes!
 Ei-las de planta em planta as inocentes,
 As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
 Ora nas folhas a abelhinha pára,
 Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para facilitar a análise dos poemas acima, sugerimos a leitura dos demais textos analisados, dando prioridade ao conteúdo.



AUTOAVALIAÇÃO

Após a leitura dessa aula, reconheço características pré-românticas em poemas de Bocage e da Marquesa de Alorna? Sei diferenciar poemas árcades de poemas pré-românticos de outros autores? Compreendi por que Bocage e a Marquesa de Alorna são autores pré-românticos?



PRÓXIMA AULA

Na aula 5 você estudará o Romantismo e suas manifestações em diversas artes, observando-se ainda o momento histórico-social em que se insere.

REFERÊNCIAS

- MOISÈS, MASSAUD. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.
_____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
_____. **Presença da literatura portuguesa II**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Ed. Porto, 1976.
PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.